



## A INVENÇÃO DA PAISAGEM HISTÓRICA DE REDENÇÃO: DA ESCRAVIDÃO A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM MONUMENTOS HISTÓRICOS

Antonio Wilame Ferreira Da Silva Junior<sup>1</sup>  
Natalia Cabanillas<sup>2</sup>

### RESUMO

O seguinte trabalho busca compreender como os fatores históricos da abolição da escravatura em Redenção - CE, foram materializados através de monumentos históricos pela cidade. Esses monumentos são marcas que ficam de uma relação de trabalho anterior ao nosso tempo presente, demarcam a construção da paisagem tal como a acessamos, não como uma totalidade, mas sim uma representação de um todo. Vincular a formação do espaço e as relações de trabalho é uma tarefa que exige a utilização da metodologia de análise do espaço geográfico, presente na obra de Milton Santos, pelo qual o autor nos oferta conceitos base para compreender como a paisagem se organiza de acordo com relações de trabalhos anteriores. Mas também a partir da compreensão de que espaço e tempo são faces da mesma unidade, utilizo da metodologia da análise documental, para ter uma compreensão maior dos episódios da luta contra escravidão e construção dos monumentos de Redenção. Dito isso, os monumentos como parte do espaço construído de Redenção, são aqui analisados como uma marca de rugosidade, ou seja, um marcador espaço-temporal dos modos ideológicos e técnicos do como a utilização do trabalho elaborou a paisagem monumental.

**Palavras-chave:** Redenção - CE; Paisagem; Representação do negro; Monumentos históricos.

---

UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, awilamejr@gmail.com<sup>1</sup>  
UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, awilamejr@gmail.com<sup>2</sup>



## INTRODUÇÃO

O episódio da abolição pioneira em Redenção teve diversos personagens que contribuíram para o ocorrido, sendo lembrados ou esquecidos, a data de 1º de janeiro de 1883 marcou até o dia presente o modo como conhecemos a cidade de Redenção, ou melhor, como ela nos é apresentada a partir de seus símbolos abolicionistas, porém, antes de sua exaltação libertadora, ela não existia como tal, não possuía este nome. O fato é que no dia 23 de janeiro de 1883, quando “a ata da sessão da Câmara registra a solidariedade dos vereadores e a proposta e aprovação de telegrama dirigido pela Comuna ao Imperador D. Pedro II, comunicando-lhe a extinção da Escravatura” (IBGE, 2023), o ato foi dado nas instâncias do então município de Acarape.

Hoje, Acarape e Redenção são dois municípios diferentes, mas com história e geografia bastante aproximada, dado ainda, que no período pré-abolição, os agitadores pelo fim da escravatura, compostos inteiramente por homens brancos, se organizavam na então Sociedade Redentora Acarapense, que levava o nome redentora como adjetivo e acarapense como gentílico de cidadão de Acarape. Após o marco da abolição, foi necessário elaborar a história do feito “heroico”, construir uma narrativa que autenticasse o município como o nascedouro da liberdade, o berço das auroras, assim, por meio da lei provincial nº 2167, de 17-08-1889 (IBGE, 2023), ocorre a alteração toponímica distrital, fazendo com que Acarape se tornasse Redenção. Esta ação de providência política, emite uma mensagem, no qual os cidadãos da antiga Vila do Acarape, a partir de então, serão propriamente adjetivados com honras redencionistas. Nas palavras do Professor Arilson dos Santos Gomes (2022):

[...] a “redenção” foi reproduzida para a perpetuação da memória (do monumento) nos espaços públicos, como símbolo oficial de um passado glorioso. A antiga Vila do Acarape, inclusive, teve o seu nome alterado para cidade de Redenção em alusão ao pioneirismo cearense (p. 53).

Mas então, onde está o negro nessa história? Se para atribuir uma honra a abolição tardia - mesmo que pioneira - foi necessário construir narrativas de glórias ao passado abolicionista, como no exemplo dado do nome da cidade, foi também necessário neste arranjo, eleger o redimido, aquele cujo qual a imagem se perpetuará no agradecimento ao feito pujante dos abolicionistas brancos, ou mesmo, na submissão, na dor e no sofrimento monumentalizado na cartografia memorial de Redenção. Recai sobre a figura do negro este papel, de carregar a idealização do branco sobre sua imagem, no caso, de sujeitos que sofreram a dor pelos grilhões da escravidão, mas que ao receberem a “redenção” da liberdade, são honrados em monumentos com as mesmas correntes que os aprisionaram.

## METODOLOGIA

Este trabalho utiliza de dois percursos metodológicos, que são: a análise documental e a análise do espaço geográfico. Essas duas metodologias se combinam a partir da seguinte compreensão, de espaço e tempo são duas faces da mesma unidade, o espaço-tempo, ou seja, nos interessa abordar os documentos históricos por meio da metodologia da história (tempo) e compreender como o espaço se organiza a partir da metodologia da geografia (espaço). A partir dessa combinação teórica e metodológica, a abordagem desse trabalho se oferta como de cunho interdisciplinar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os monumentos possuem um complexo fenomenológico, que perpassa pela análise de muitas disciplinas, como, sociologia, arquitetura, arte, filosofia, geografia, história, entre outras. Assim, os monumentos são construções idealizadas, projetadas e executadas, tanto como uma forma, pois possuem um dado físico, como enquanto conteúdo, já que eles são feitos para contar algum ponto de uma história em especial. Tornada forma-conteúdo pela presença da ação, a forma torna-se capaz de influenciar, de volta, o desenvolvimento da totalidade, participando, assim, de pleno direito da dialética social (Santos, 2020, p. 126). Monumentos se tornam parte operante da paisagem, são construtos históricos e espaciais, o que de todo modo, necessita de um olhar ampliado para sua análise.

Ao pertencerem a um conjunto narrativo, político, histórico e espacial, os monumentos não são “inocentes”, já que são símbolos de uma determinada ideologia, e o símbolo, por sua própria natureza, dispõe de autonomia (Santos, 2020, p. 127). Assim, analisemos a intencionalidade ideológica dos monumentos a partir da compreensão do movimento de transformação da essência em existência (Santos, 2020, p. 127), da história em espaço. Visto que, os monumentos que compõe a paisagem, também são objetos e estão mobilizados por ações, em uma dialética do território, que é formadora e formativa de eventos. É por isso que o meio ambiente construído constitui um patrimônio que não se pode deixar de levar em conta, já que tem um papel na localização dos eventos atuais (Santos, 2020, p. 141). Para exemplificar, vejamos o monumento do Obelisco da Liberdade.

Uma estrutura imponente no centro da cidade, se ergue ao céu, possuindo correntes como adorno e na sua base placas com homenagens ao feito “heroico” empreitado naquela pequena vila cearense no final do século XIX. A narrativa abolicionista de Redenção como “fagulha primeira da liberdade” se materializa no Obelisco da Liberdade, que assim como o busto da Princesa Isabel (localizado na Praça da Igreja Matriz), foi inaugurado no aniversário de 50 anos da abolição da escravatura em Redenção, na data de 1º de janeiro de 1933 pelo então prefeito Dr. José Alberto Mendonça de Sousa (Junior, 2022, p. 22).

Este monumento em especial, recebe em sua estrutura basilar os nomes dos homens que formaram a Sociedade Redentora Acarapense em dezembro do ano de 1882. O objeto em questão nos traz uma forma muito específica a sua historicidade e ao mesmo tempo nos entrega um conteúdo muito bem formatado, acerca do que se deseja materializar na história da abolição em Redenção. Em outras palavras, ele é por si só um símbolo instrumentalizado da relação de poder daqueles que decidem qual memória devemos perpetuar na paisagem, no caso, que seja para agradecer o tal movimento que durou menos de um mês e acarretou no evento pioneiro da abolição. Assim, forma e conteúdo como unicidade, estão explícitos na ação de erguer objetos de memória, monumentos, e desse modo, promover paisagens que possam fixar ideologias e narrativas únicas.

Como parte dessa construção histórica, questionemos como outros personagens que fizeram parte de uma luta anti-escavidão, inclusive pela sua própria liberdade, não ganham essa mesma monumentalidade, como é o caso da mulher negra Damázia. Pessoas negras libertas foram cruciais para influenciar a abolição pioneira de Acarape, em especial, neste momento de pesquisa lido com um documento da Junta Classificadora de Escravos do Município Acarape, de nº 2513 e expedido na data de 19 de julho de 1882 (Theophilo, p. 193), nos traz uma personagem esquecida na história da abolição.

Se trata de Damazia, mulher liberta que morava na então Vila de Acarape (hoje Redenção), que foi até a justiça reclamar a alforria de seus dois filhos, Francisco de 12 anos de idade e Joanna de 15 anos de idade, ambos pertencente ao escravocrata Joaquim Ferreira Nobre, que em um dado momento anterior foi proprietário de Damazia. A mulher foi até a justiça apresentar o auxílio de 60 mil réis para a compra de alforria dos seus dois filhos, porém, a junta classificou que a propriedade em questão era avaliada em 196 mil e 500 réis pela liberdade dos dois. Por essa diferença de valor, a sessão foi adiada para o dia seguinte, com a



presença da senhora de Joaquim Ferreira Nobre, que não é dado seu nome no documento, a mesma aceita a quantia inferior e Damazia consegue a liberdade de seus filhos no dia 20 de julho de 1882, meses antes da primeira sociedade abolicionista se organizar no município.

Porém, não é Damazia e sua luta pela liberdade dos filhos que se torna monumento. Vejamos o caso do monumento da Negra Nua, que se localiza bem na entrada da cidade, entre o Museu Senzala Negro Liberto e a UNILAB - Campus da Liberdade. Inaugurado no ano de 1968 em comemoração ao aniversário do Centenário de emancipação política do município, foi produzido pelo artista plástico Eduardo Pamplona, tornando-se um dos grandes símbolos da cultura redencionista (Junior, 2022, p. 20). Sua imagem se trata de uma mulher negra, desnuda, com os braços erguidos ao céu em tom de clamor, ainda sobreposto a uma aurora, em um completo lugar de concebimento divino, altivo, vertical, da conquista de sua liberdade.

O monumento da Negra Nua ainda como imagem fixadora de violências, utiliza-se de um recurso da comunicação social conceituado como gigantografia, ou seja, é um painel inscrito em grandes proporções, que está à vista de qualquer pessoa que passe por ela. Se destacando como um objeto real-concreto constitutivo da paisagem de Redenção, ao ponto de representar como símbolo da própria cidade, estampando insígnias comerciais e turísticas. O monumento em questão, é um objeto em dimensão paisagista que exprime uma intenção narrativa: a abolição como uma graça ofertada, não conquistada.

A imagem da paisagem também é um retrato do poder, na cidade de Redenção isto está muito marcado através de monumentos que evocam uma glória ao período escravocrata, mas também a própria distribuição da terra, propriedade privada, divisão espacial do trabalho, etc. A paisagem é carregada de símbolos e significados, no qual podemos analisá-las a partir do conceito de rugosidade. As imagens de monumentos de glória a escravidão, comércios que repetem títulos como “abolição”, “casa grande” e “libertação dos escravos”, as casas que se estendem cor de barro verticalmente ao morro, o Museu [do horror] Senzala Negro Liberto, tudo isso são marcas da relação do trabalho com o espaço-tempo, ou seja, o que fica do que passou. Nas palavras de Milton Santos (2020):

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (p. 140).

As marcas em uma paisagem podem ser diversas, do ponto de vista técnico e estético, elas contribuem na sociabilidade e interação com o meio específico, podendo revelar dinâmicas de poder e supressão de poder situadas no seu hipertexto. Como exemplo dessas rugosidades, estão os monumentos que se elevam nas cidades pelo mundo, (de)marcando a historicidade das relações de poder que foram tecidas em determinado lugar. No caso de Redenção, esses monumentos possuem toda uma condição anterior para sua elaboração na paisagem, que revela como as divisões passadas de trabalho e a intenção ideológica que os imprimiu como parte componente do espaço. As rugosidades, vistas individualmente ou nos seus padrões, revelam combinações que eram as únicas possíveis em um tempo e lugar dados (Santos, 2020, p. 140).

## CONCLUSÕES

A investigação que traça sobre como esses personagens que lutaram pelo fim da escravidão, tanto pessoas negras como pessoas brancas, tiveram suas memórias alocadas em lugares diferentes com a construção da paisagem histórica de Redenção. Inclusive o lugar da ausência, como é o caso da Damazia, que não é

lembrada em nenhum monumento histórico, porém, colidimos com a imagem de uma mulher negra nua que pouco representa a luta pela libertação. Essa produção histórica da paisagem, foi fruto de intenções ideológicas e condições anteriores de trabalho, no qual Milton Santos nos traz conceitos chave para essa compreensão, como é o caso da rugosidade.

Por fim, compreendo que essa pesquisa se encontra em pleno desenvolvimento, que os materiais aqui exibidos são fragmentos de um todo maior, que é próprio panorama histórico e espacial da cidade de Redenção. Compreender esses fenômenos é de uma tarefa complexa, que exige o cruzamento entre disciplinas, a fim de ter uma pesquisa mais ampla sobre a temática, que de fato, está traçada como um trabalho de empenho metodológico e epistêmico. Assim, concluo que a cidade de Redenção possui uma paisagem histórica construída pelo trabalho e que estampa em seus monumentos uma certa posição de glória a própria escravidão da imagem de pessoas negras.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a ancestralidade-guia!

## REFERÊNCIAS

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Redenção - Histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/historico> Acesso em: 12 de abr. de 2024.

Gomes, Arilson dos Santos. **“Emergindo das escrituras” em contraponto à memória oficial do abolicionismo no Ceará e no Rio Grande do Sul**. identidade! | São Leopoldo | v. 27, n. 2 | p. 37-63 | jul./dez. 2022.

Junior, Antônio Wilame Ferreira da Silva. **Entre lugares e não-lugares: memórias encruzilhadas pelos símbolos e narrativas da escravização na contemporaneidade de Redenção - CE**. Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Acarape, 2022.

Martins, Leda. **PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA**. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63-81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 4 out. 2023.

Santos, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 10. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

Santos, Milton. **O retorno do território**. En: OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires : CLACSO, 2005.

Silva, Ester Araújo Lima da. **Narrativas Pós-abolicionistas: a história escrita dos monumentos históricos**. Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Redenção, 2016.

Theophilo, Gen. Tácito. **Alguns documentos referentes a abolição**. Instituto Histórico do Ceará. Categoria: estudos e pesquisas. Acervo digital, 1984. Acesso em: <https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=970ffe29-408a-45df-8957-6bdae26be8d3>

